

AMALIA INES G. DE LEMOS

ORGANIZADORA



TURISMO

IMPACTOS
SOCIOAMBIENTAIS



EDITORA HUCITEC

CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA
E PLANEJAMENTO DO TURISMO
"Sol e Território"

Promovido e realizado pelo Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, de 16 a 22 de julho de 1995.

Comissão Organizadora

Milton Santos — Presidente
Eduardo Yázigí — Coordenador Geral e de Planejamento do Turismo
Adyr Balastrieri Rodrigues — Coordenadora de Geografia do Turismo
Francisco Capuano Scarlatto — Secretário Executivo
Amália Inês Geraiges de Lemos — Tesouraria

Comissão Científica

Adyr Balastrieri Rodrigues
Amália Inês Geraiges de Lemos
Amélia Damiani
Ana Fani Alessandri Carlos
Ana Maria Marangoni
Antonio Carlos Robert Moraes
Eduardo Yázigí
Francisco Capuano Scarlatto
Jurandir Luciano Sanches Ross
Maria Adélia Aparecida de Souza
Mário de Biasi
Milton Santos
Sandra Lencioni

AMÁLIA INÊS GERAIGES DE LEMOS
ORGANIZADORA



TURISMO: Impactos Socioambientais

EDITORA HUCITEC
São Paulo, 1996

© 1996, Direitos de publicação reservados pela Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC Ltda.. Rua Gil Eanes, 713 - 04601-042 São Paulo, Brasil. Telefones: (011)240-9318, 543-0653. Vendas: (011)530-4532. Fac-símile: (011) 530-5938.

ISBN 85-271.0343-5

Foi feito o depósito legal.

Editoração eletrônica: Ouripedes Gallene

Nº Reg.: 0.000032/07
Nº Classe: 338.479179381
Data: 06/03/2002

Apoio



FINEP

SUMÁRIO

PREFÁCIO	
<i>Amalia Inês Geraiges de Lemos</i>	11
TURISMO, MEIO AMBIENTE E IMPACTOS ESPACIAIS	17
Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição?	
<i>Rita Mendonça</i>	19
O (re)arranjo de Iguape e Ilha Comprida sob o advento do Turismo e da exploração dos recursos naturais	
<i>Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz</i>	26
Turismo e meio ambiente no litoral paulista: dinâmica da lidade nas praias	
<i>Carmen Lúcia Vergueiro Midaglia</i>	
A organização natural e cultural da baía de Vitória e seu entorno, e o aproveitamento de suas potencialidades turísticas	
<i>Anderson Pereira Portuguese</i>	57
Os impactos ambientais decorrentes das atividades turísticas no Pantanal Sul-Matogrossense (MS, Brasil)	
<i>Milton Ap. P. Mariani & Humberto C. Gonçalves</i>	79
O impacto do turismo sobre comunidades de Ihabela (SP)	
<i>Maria del Carmen M. H. Calvente</i>	85
Turismo e degradação ambiental no litoral do Ceará	
<i>Luzia Neide M. T. Coriolano</i>	93
Análise de impacto ambiental em zona litorânea: ocupação desordenada do solo e erosão costeira na praia do Pecém (CE, Brasil)	
<i>Fabio Perdigão Vasconcelos & Caio S. B. Peixoto da Silva</i>	104
Unidade de conservação insular: considerações sobre a dinâmica	

insular, planos de manejo e turismo ambiental <i>Sueli Angelo Furlan</i>	114
TURISMO EM ÁREAS PROTEGIDAS	137
O turismo no plano de conservação da bacia do alto Paraguai — PCBAP, MS <i>Armando Garms</i>	139
As trilhas interpretativas da natureza e o ecoturismo <i>Maria Inez Pagani, Alexandre Schiavetti, Maria Eugenia Bruck de Moraes e Fabio Henrique Torezan</i>	151
Turismo em áreas protegidas. Conflictos para su desarrollo en el area Cataratas del Iguazú, Argentina <i>Emilce Beatriz Cammarata e Luisa Celman</i>	164
Reorganización del espacio turístico en un parque nacional. El caso de las islas Galápagos, Ecuador <i>José Rodríguez Rojas</i>	178
IMPACTOS SOCIOCULTURAIS DO TURISMO	185
Las implicaciones socioculturales del turismo en el mar Mediterráneo <i>Pere A. Salvà Tomás</i>	187
Turismo e cultura: um estudo das modificações culturais no município de Soure em decorrência da exploração do turismo ecológico <i>Silvio Lima Figueiredo</i>	207
Relaciones patrimonio/sociedad/turismo: su aplicación en dos experiencias municipales <i>Silvia Beatriz Grippo e Juan Carlos Pascale</i>	223
Festas de outubro em Santa Catarina: notas para compreensão de suas influências na (re)organização do espaço <i>Ewerton Vieira Machado</i>	241
POLÍTICAS DE TURISMO	261
Políticas de turismo e construção do espaço turístico-litorâneo no Nordeste do Brasil <i>Rita de Cassia Ariza da Cruz</i>	263
Globalização e segmentação: reflexões sobre o mercado de trabalho em turismo no Nordeste <i>Maria das Graças de Menezes Venâncio Paiva</i>	273

Fronteiras e turismo no Mercosul <i>Claudemira Azevedo Ito</i>	280
TURISMO: REPRESENTAÇÕES E TENDÊNCIAS	285
O turismo nos lugares centrais e o turismo ambiental na obra de Christaller <i>Mario A. Eufrásio</i>	287
Cartografia do turismo: que cartografia é essa? <i>Marcello Martinelli</i>	296
SOBRE OS AUTORES	303

TURISMO E CULTURA: UM ESTUDO DAS MODIFICAÇÕES CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE SOURE EM DECORRÊNCIA DA EXPLORAÇÃO DO TURISMO ECOLÓGICO

SILVIO LIMA FIGUEIREDO

O fenômeno do turismo

A REGIÃO Amazônica aparece atualmente no cenário nacional e internacional como um local de grandes possibilidades, quer pelo grande volume de recursos naturais que possui, quer pelo fato de ser palco de experiências (pelo menos em nível de discurso) para o chamado Desenvolvimento Sustentável. Exatamente por essa situação é que a prática do turismo se faz como uma das atividades que podem ser desenvolvidas, já que atrativos naturais e culturais não faltam à região, e as perspectivas de desenvolvimento sustentável encaram o turismo como “indústria sem chaminés”, e que poderia gerar o tão sonhado desenvolvimento, sem entretanto causar danos à natureza. Essa, pelo menos, é a idéia dos órgãos fomentadores da atividade na região, como por exemplo a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia — Sudam.

O turismo deve ser encarado como uma forma especial de viagem, particular da sociedade capitalista industrial, e que surge com as transformações ocorridas nos séculos XVIII e XIX, ou seja, com a instalação do capitalismo. Seu significado está ligado à prática organizada da viagem para o lazer.

O turismo aparece como uma atividade econômica no momento de seu surgimento (a partir da organização da viagem, pacotes turísticos, excursões, hotéis, guias etc.) e se concretiza como uma prática relativamente recente, mas com uma grande complexidade, e que teve o nosso século como o período em que mais se desenvolveu¹. A sua principal função seria a recu-

peração da fadiga, do *stress*, que o trabalho proporcionaria na nossa sociedade moderna, bem como o conhecimento e a apreciação de ambientes e culturas diferentes.

Sendo o turismo a organização econômico-administrativa da viagem, poderemos encará-lo como uma atividade econômica muito importante, haja vista a quantidade de empregos e renda que movimenta e proporciona. Como atividade econômica, o turismo apresenta uma série de elementos dispersos que tentam ser articulados na formação de uma verdadeira "indústria" (e é assim que ele é encarado hoje em dia); assim, aparece a produção de um "produto turístico" que vai conter vários elementos. Um dos elementos principais, e que vem a ser a matéria-prima dessa "indústria", são os chamados *atrativos turísticos*. Um atrativo turístico pode ser de ordem natural, como uma praia, um rio, uma cachoeira, bem como de ordem cultural, como o artesanato, as tradições populares, festas, rituais, gastronomia, museus, enfim, o que pode ser considerado como curiosidade particular de qualquer região. Pode-se concordar então com as abordagens que dizem ser o turismo uma atividade que, por conter elementos de várias ordens, se faz de forma dispersa e que aparentemente não se detecta sua atuação transformando os ambientes diversos em um produto que possa ser embalado, comercializado e vendido: e aí está criado o *pacote turístico*.

E é exatamente na comercialização, enquanto atrativo, das culturas diversas que existem sobre o mundo que encontramos nosso problema central e que originou o presente trabalho.

Turismo na Amazônia

O turismo na Amazônia ocorre de forma extensiva, e um dos seus principais problemas, segundo as instituições de fomento, é que a maioria das empresas opera de forma amadorística, não há uniformidade de pensamento e, conseqüentemente, uma ação integrada voltada para o desenvolvimento do turismo regional (Sebrae, 1994:45). A região recebe atualmente uma demanda razoável de visitantes que se hospedam em cerca de 550 estabelecimentos hoteleiros (incluindo aí os hotéis de lazer, hotéis classificados, hotéis não classificados e hotéis ambientais e ecológicos — os *lodges*). Só o Estado do Pará possui 122 estabelecimentos hoteleiros e 31 hotéis classificados (Sudam, 1992:20).

A região, além de toda a movimentação do turismo regional interno, recebe uma demanda que vem principalmente dos centros emissores que são os estados da Região Sudeste do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo) e de outros países, principalmente Estados Unidos e Alemanha (Sudam, 1994a).

Dentro da projeção do turismo para a Amazônia, encontramos uma perspectiva de aumento dessa demanda:

Projeção da evolução do turismo global para a Amazônia

Ano	Turistas (mil)
1992	565,9
1993	611,2
1994	660,1
1995	712,9
1996	777,1
1997	847,1
1998	923,3
1999	1.006,4
2000	1.096,9

Fonte: Sudam (1992b).

Como principal perspectiva do desenvolvimento do turismo na Amazônia está um tipo de turismo particular, o chamado *Turismo Ecológico*, ou Ecoturismo. Esse tipo de turismo é definido como o “Turismo desenvolvido em localidades com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística com o meio ambiente, harmonizando as ações com a natureza, bem como oferecer aos turistas um contato íntimo com os recursos naturais e culturais da região, buscando a formação de uma consciência ecológica nacional” (Embratur, 1991:5).

O turismo ecológico também é caracterizado de acordo com alguns autores como Boo (1990 e 1992) como o tipo de turismo que favorece a conservação e reforça o Desenvolvimento Sustentável e aparece como uma oposição ao turismo predatório, de massa, que pode provocar impactos físicos e sociais: “o turismo pode causar tensão social pelo confronto de culturas diferentes. (...) as atrações turísticas podem sofrer danos e congestionamentos causados pelo turismo predatório, que é aquele que não considera o planejamento, a instalação e a operação adequada” (Sudam, 1992b). Tal perspectiva encontraria abrigo no turismo ecológico, já que este seria o turismo mais planejado, mais coerente com a exploração de seus recursos naturais e culturais (atrativos) e, portanto, indo ao encontro das perspectivas de desenvolvimento sustentável.

Sobre a questão, preferimos acreditar que, apesar de todas essas considerações sobre turismo ecológico, ele se realiza também enquanto “turismo exótico” (Krippendorf, 1989:112), ou seja, as viagens de ricos em áreas ou países pobres, onde um possível “impacto cultural” seja maior e onde exatamente se podem encontrar as tais áreas naturais “exóticas”, culturais milenares, lugares intocáveis pelo homem e pela modernização e

que povoam o discurso das empresas e órgãos implementadores da atividade e, ainda, a propaganda e o *marketing* acerca dessas regiões. Isto pode representar obstáculos intransponíveis de comunicação entre residentes e visitantes pois estes se vêem “frente a seres humanos que não apenas têm uma cultura fundamentalmente diferente, mas que também pertencem a uma outra classe social, distinta” (Idem:113). Assim o “atraso” torna-se o principal recurso para a criação do produto turístico. Esse é o principal problema do turismo na Região Amazônica, que estamos estudando, tendo como caso específico o município de Soure na ilha de Marajó, Estado do Pará.

O desenvolvimento da atividade turística no município de Soure

O município de Soure está situado na parte oriental da ilha de Marajó, norte do Estado do Pará. Em sua história o encontramos enquanto componente de uma história mais geral sobre a Região Amazônica e que tem algumas características assinaladas por vários autores que pesquisaram a região². Dentre as principais características se destaca a transformação abrupta dos modos de vida dos indígenas, a partir da chegada dos conquistadores europeus. A ocupação da ilha como um todo se deu com o desenvolvimento de algumas atividades econômicas propiciadoras de povoamento e colonialismo. Primeiramente temos o extrativismo vegetal como vocação apriorística da região e, no caso de Marajó, caracterizado pela extração de drogas do sertão e, mais tarde, pela extração da borracha, entre outros produtos. A agropecuária teve um papel marcante no desenvolvimento da região, principalmente com a ocupação do território por ordens religiosas representadas pelos jesuítas e mercedários³. Consta que, com esses missionários, as fazendas se dinamizaram, a qualidade dos pastos se elevou, principalmente através da disponibilidade de mão-de-obra (índios).

Esta situação se deu até o confisco das terras dos jesuítas e mercedários pelo governo português, determinado pelo Marquês de Pombal, no final da década de 1750 e modificou a paisagem econômica e social do Marajó, representando a participação de novos atores nas relações sociais da comunidade. Segundo Weinstein (1993:58) “A expulsão dos jesuítas, que controlavam enormes fazendas na ilha de Marajó, representou um retrocesso temporário para a pecuária da ilha. Contudo, a Coroa logo transferiu a maior parte das propriedades desocupadas para a posse de particulares, e essas fazendas acabam por tornar-se a base econômica para famílias política e socialmente eminentes”, ou seja, apesar do repartimento⁴ das fazendas e da eventual queda de sua produção, elas sobreviveram e serviram como ele-

mento configurador da sociedade da região, utilizando mão-de-obra agora do escravo negro e trabalho forçado dos índios (Idem).

Atualmente a pecuária continua como principal atividade produtiva da região do Marajó, juntamente com o setor extrativo de madeira, e costuma caracterizar o município de Soure que, dentro do contexto histórico e social da região, se estabeleceu como uma das principais áreas onde encontramos essa atividade. A sede municipal foi se desenvolvendo a partir da instalação de residências de proprietários de latifúndios que agora compõem o espaço social e de poder local. A pesca também aparece como uma das principais atividades da ilha, principalmente para os municípios de Soure e Salvaterra. O setor primário então possui 75,4% da produção, o setor secundário, 7,7% e o setor terciário, 16,9% (Sudam, 1986:33).

A situação social de Soure se caracteriza através da relação intrínseca da população local com as atividades produtivas. As famílias do interior da ilha e zonas rurais do município baseiam-se na agricultura de subsistência, ou no trabalho para os fazendeiros da região sob a forma de "peões" ou vaqueiros. O pescador também forma uma categoria social caracterizadora do Marajó (e Soure). As elites dominantes continuam a ser representadas pelos latifundiários pecuaristas (ver Loureiro, 1987).

Há aproximadamente três décadas atrás a situação de Soure começa a mudar com a entrada de uma atividade produtiva nova e que é tema de nosso estudo: o *Turismo*.

A partir das décadas de 70 a 80, dentro de uma política de desenvolvimento para a Amazônia, Soure foi escolhida como uma das cidades com "vocalização natural" para o turismo. A partir daí, hotéis do tipo pousada se instalaram com mais frequência. O primeiro dentro desse esquema foi a "Pousada Marajoara", que teve a sua construção e operacionalização financiada pela Sudam, dentro de um plano mais geral de financiamento do desenvolvimento da Amazônia. Esse ato representou três aspectos fundamentais na compreensão da questão ora abordada. Em primeiro lugar, o início dos investimentos do governo militar, através da Sudam, Embratur, órgãos estaduais e municipais, na dinamização da atividade turística, exemplificando a interferência estatal no setor; em segundo lugar, a entrada de uma nova elite no cenário social do Marajó, que seriam os empresários de turismo e, em último lugar, a participação de novos atores dentro do contexto socio-cultural do local, que seriam os turistas.

O município de Soure possui seis hotéis de médio porte, com todo o equipamento exigido pela Embratur, ou suas classificações (que vai de uma a cinco estrelas). Além disso, depois da investida da própria prefeitura em busca dos tão sonhados benefícios que o turismo pode proporcionar e a

própria incorporação do tema pela comunidade, toda a estrutura pública se preocupou também como o nível de infra-estrutura do local para o recebimento do turista. Assim, a atuação do poder público com as empresas turísticas se deu no sentido de transformar definitivamente os atrativos (acidentes geográficos, manifestações culturais etc.) em produto turístico possível de ser exportado aos consumidores nacionais e internacionais.

Várias agências de viagens operam no local, geralmente os proprietários dos hotéis são também proprietários das agências mais atuantes. Os roteiros, conjunto de programações e atividades desenvolvidas pelas agências, organizando as viagens dos turistas são basicamente compostos por visitas às praias (Pesqueiro e Araruna são as principais), à Salvaterra (localidade vizinha), loja de artesanato, restaurantes típicos e, principalmente, às fazendas⁵.

Dessa forma, o turismo passa a ser mais uma atividade econômica desenvolvida em Soure, e possibilidade então de desenvolvimento e modernização, e transformando a cidade e adjacências (incluindo aí o município de Salvaterra) num dos pólos de desenvolvimento do turismo na Amazônia e atualmente, dentro da perspectiva do Desenvolvimento Sustentável (Sudam, 1992b e Idesp, 1992). O turismo constitui então, e principalmente na atual conjuntura do município, um dos importantes elementos que compõem o panorama de relações econômicas e sociais do local, em função da idéia de que, enquanto atividade econômica, é capaz de facilitar a entrada de dinheiro na economia e que irá movimentá-la, gerando renda, emprego etc. (sobre a questão, ver Figuerola, 1990).

O que podemos observar, e que gerou as preocupações explicitadas nesse estudo é exatamente o posicionamento da comunidade de Soure ante o turismo que se afirma a partir dos estabelecimentos, equipamentos e atividades turísticas, ante a intervenção pública municipal, estadual e federal que colabora para o desenvolvimento desse turismo e ante os turistas que passam pela cidade, deixando marcas profundas.

Relação entre turismo e cultura

A atividade turística pensada da forma aqui exposta funciona como um articulador da organização sociocultural da comunidade sourense, participando ativamente da construção das formas de vida do local e, em vista disso, a interpretamos enquanto propiciadora de impactos, ou seja, encaramos o turismo (e tudo que esse vocábulo possa representar) como agente externo e que, ao se instalar e se desenvolver, impactua o núcleo receptor⁶ em diversas frentes, entre elas a da própria *cultura* do local.

Para continuar a discutir a problemática central de nosso trabalho, precisamos esclarecer alguns pontos. Em primeiro lugar discutir o que caracterizamos como "cultura do local" e como pode ser encarado um impacto nesse nível de pensamento. Notadamente, se faz como uma das situações mais complexas a ser estudada na Amazônia. A questão se limita a ser o início de uma ampla discussão que deve ser implementada, tendo em vista a perda de uma identidade cultural que, a despeito dos que acreditam na sua composição tênue e escorregadia, é um dado muito importante.

Considerar o turismo como agente modificador de cultura pressupõe a explicação de dois pontos fundamentais: o que consideramos como *cultura* e o que pode ser entendido como *modificação de culturas*.

A discussão sobre cultura é intensa, os conceitos são inúmeros e às vezes contraditórios; buscamos aqui a interpretação do que é cultura a partir da ciência antropológica, que a tem como "objeto natural". Quando pensamos em cultura, pensamos em uma série de elementos, como hábitos, valores, formas de pensar, interpretar e juízos sobre o mundo. Segundo Canclini (1985:29) cultura corresponde "à produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólicas das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido". Assim a cultura aparece enquanto aspectos que garantem a perpetuação da coesão social ou sua transformação.

Assim, a relação da produção simbólica do sentido e da prática se faz enquanto específica, dependendo do grupo, sociedade, local etc. Na verdade, cada grupo social só se faz dessa forma, a partir do momento em que existam "afinidades" entre os indivíduos que os formam. Segundo Bourdieu, através da preocupação com a formação de um *campo social* (categoria trabalhada pelo autor para representar as relações sociais), podemos observar a formação de determinados grupos. Para o autor, "Pelo fato de que a identidade das condições de existência tende a produzir sistemas de disposições semelhantes (pelo menos parcialmente), a homogeneidade (relativa) dos *habitus* que delas resulta está no princípio de uma harmonização objetiva das práticas e das obras" (1983:66). Dessa forma o autor lança mão de dois instrumentos para compreender a cultura de cada grupo e as formas de sua manutenção e reprodução. Primeiramente o conceito de *habitus*, enquanto internalização das práticas objetivas e estruturais da sociedade e externalização do subjetivismo que compõe os indivíduos, ou seja, observando uma dialética da interioridade e da exterioridade que poderiam estar no cerne da questão das ações sociais dos homens, *habitus* seriam "sistemas

de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e representações que podem ser objetivamente 'reguladas e regulares' sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente" (Idem:61).

Para Bourdieu, a idéia de *habitus* é primordial para caracterizar os grupos sociais que estão interagindo em um determinado espaço social (campo). As ações de determinados grupos são engendradas a partir dessa relação dinâmica entre estrutura e indivíduo. Encararemos a cultura dessa forma quando falarmos na cultura do local⁷, e a preocupação seria então identificar práticas consensuais que, dentro das categorias expostas por Bourdieu, seria a segunda mais importante em nosso trabalho. A idéia de *consenso* para o autor se dá enquanto possibilidade de ter pessoas agindo de forma semelhante do campo social; há então um certo "ajustamento" às posições dentro desse campo pois "o espaço social está construído de tal modo que os agentes que ocupam posições semelhantes ou vizinhas estão colocados em condições semelhantes e submetidos a condicionamentos semelhantes, e têm toda a possibilidade de possuírem disposições e interesses semelhantes, logo, de produzirem práticas também semelhantes" (Bourdieu, 1990:155)⁸ e que "o espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupo de estatutos, caracterizados por diferentes estilos de vida" (Idem:160). Temos assim a construção da idéia de grupos diferentes na sociedade e, através dessas diferenças, podemos classificar dois grupos básicos em nosso trabalho e aparentemente excludentes: os turistas e o residente. Este residente se constrói enquanto "estilo de vida" diferente dos que visitam o local como pessoas de fora, que são os turistas⁹. Essa diferenciação é básica para o desenvolvimento da pesquisa ora pretendida, pois é principalmente através desse "choque" de grupos que deveremos inferir a situação encontrada atualmente em Soure.

O relacionamento entre grandes empreendimentos e a Região Amazônica tem sido alvo de vários estudos, todos eles observando a maneira negativa desse relacionamento com perdas para, principalmente, a parte representada pelo homem e meio ambiente da região. Com o turismo ocorrem dois problemas: o primeiro é que os únicos a interpretarem-no como grande empreendimento são os empresários e os órgãos oficiais fomentadores de desenvolvimento e estes o consideram benéfico (pelo menos em seus discursos), o segundo é que, como já foi dito, não existem análises sobre os

impactos do turismo na região. Assim temos a exemplificação de estudos de outras áreas dos quais nos valeremos para completar a discussão sobre a problemática.

Segundo Patterson (1977), o turismo pode, por um lado, representar a total destruição dos "valores culturais" de uma comunidade e exemplifica, se referindo a Kioto, no Japão, onde "algunos de los santuarios más hermosos de Kioto están rodeados de zonas de estacionamiento de automóviles de las dimensiones de un campo de fútbol", e observa ainda que "cien fogonazos de otros tantos fotógrafos en una ceremonia tribal bastan para despojar al acto de toda significación religiosa o ritual, con efectos pésimos no sólo para los visitantes, sino para los mismos participantes indígenas. Así se destruye una cultura autóctona" (Idem: 1). Essa questão nos remete, depois da discussão sobre cultura e identidade, à questão da mudança que citamos ainda há pouco.

Dentro dos estudos e interpretações básicas para a compreensão da atuação do turismo em Soure, várias teorias já tentaram explicar os fenômenos aqui expostos. Temos preocupações como as de Patterson, bem como outros autores que interpretam também desastrosos e destrutivos os relacionamentos entre duas "formas de viver" diferentes.

Em primeiro lugar teríamos a idéia de que "cuando dos culturas distintas entran em contacto se produce una tercera, resultante de ambas, pero com características propias que la hacen diferenciarse de las dos culturas matrices" e ainda "es evidente que en el choque de dos culturas la resultante tendrá mas rastros característicos o 'evocadores' de aquella que sea mas desarrollada, es decir, de la que que presente una série de 'cromossomas' culturales mas definidos" (Fuster, 1978:41). Essas percepções são aglutinadas na idéia de *aculturação* que seria "um conjunto de fenômenos que resulta do contato direto e contínuo entre grupos de culturas diferentes, o que acarreta mudanças subseqüentes nos tipos culturais de cada grupo" (Linton, Redried & Herskovits apud Ortiz, 1990:12).

Nessa perspectiva a troca cultural é vista como normal e, reificando o aspecto da troca, da mudança, não se atenta para os estudos de poder entre o que chamam de culturas diferentes além do que, em outras palavras, a existência de uma cultura e mesmo sociedade está definida por ela ser mais "desenvolvida" e, portanto, corroborando para uma visão etnocêntrica de desenvolvimento.

Em uma outra perspectiva, como no caso a de Canclini (1983:67), o turismo tem a função, dentro do que chama de sociedades tradicionais ou rurais, de transformar qualquer apelo referente à tradição, ou a associação ao "atraso", em uma boa mercadoria para ser vendida, ou seja, o que apa-

rentemente não tem valor dentro do capitalismo é transmutado, embalado e transformado em possibilidade de troca (venda) pela atividade turística (Ortiz, 1994, possui análises parecidas). Isto acontece com as análises que esse autor desenvolve do artesanato e festas mexicanas, ambos representantes do "atraso", do diferente e da diversidade: "A festa se transforma primeiro em feira e depois em espetáculo. Um espetáculo interurbano, nacional e mesmo internacional, conforme seu alcance turístico" (Canclini, 1983:125).

Seguindo essa linha de raciocínio, Araújo (1986), pesquisando o bumba-meu-boi de São Luís do Maranhão observa que, como uma manifestação de cultura popular e como lazer, a festa é absorvida pelos órgãos oficiais de cultura e turismo e transformada no sentido da tentativa de manipulação de um modo de pensar capitalista diante do diferente, ou ao "popular", com o estabelecimento de datas, formas de apresentação, diminuição do tempo de apresentação e locais apropriados. Tudo isso representaria a "destruição" de uma forma de resistência cultural e de valores tradicionais perante a cultura dominante e esse controle faz "com que o brincante não tenha condições de fazer a leitura da realidade e não se sinta pertencente a uma determinada classe social" (Idem:129).

Com essas observações, chegamos à idéia de que a "cultura do outro", seus modos de pensar e organizar sua reprodução, se constrói a partir de uma diferenciação que antes de mais nada é contrastante com outra, não apenas diferente mas principalmente *dominante*. Chegamos assim às análises sobre a cultura do outro como cultura popular ou folclore. De acordo com Antonio Gramsci (apud Ortiz, 1980:45-89) o folclore enquanto cultura popular pode ser entendido como "concepção de mundo particular das classes subalternas" apresentando um duplo aspecto: a estruturação *interna* enquanto forma de representação do mundo de um grupo particular e sua relação *externa* com a cultura "hegemônica". Além disso encontramos esse duplo aspecto representado pelo papel desempenhado por esses tipos de práticas simbólicas. Em primeiro lugar, o folclore pode representar a tradição, a manutenção e reprodução de valores já existentes na sociedade e, ao mesmo tempo, representar a resistência de práticas não-hegemônicas no seio de uma cultura das elites, ou da classe dominante. Essa ambigüidade da cultura popular faz com que ela apareça "ora como fenômeno de reprodução social, ora como elemento de transformação" (Idem:67), no caso de Soure, a reprodução do social pode se afirmar também enquanto forma de resistência ao externo, quiçá reforçando a idéia da ambigüidade.

A situação acima relatada pode ser usada para se tentar compreender a cultura da comunidade sourense como contraditória a uma cultura hegemô-

nica que poderíamos caracterizar como a cultura urbano-industrial que existe dentro de um campo de relações (ou rede) que aglutina alguns setores do planeta, dentro do que costumam demoninar *globalização* (ver Ianni:1992). Pensaremos as relações sociais existentes em Soure dentro dessas duas perspectivas, tentando extrair o que elas podem contribuir no entendimento da articulação da cultura de Soure com a atividade turística. O que é caracterizado então como *cultura de Soure* pode ser instrumento de resistência cultural ante os “satélites da modernidade e do consumismo” que são os turistas. Além disso, pretendemos ir um pouco além ao pensar a cultura enquanto dinâmica e que, portanto, a mudança se faz sua característica mais importante (nosso principal problema teórico-metodológico). Não obstante, o que ocorre com esses sistemas simbólicos se reflete em suas representações mais concretas, como uma peça de artesanato, uma forma de dançar o carimbó (dança executada pelos moradores do marajó), religião e rituais e se inserem nas relações sociais ou na própria estrutura social (observações trabalhadas por Geertz, 1957, por exemplo).

Dentre os efeitos do turismo na cultura de comunidades receptoras de turistas, encontramos não só uma visão pessimista e catastrófica que diz respeito à destruição de culturas, tradições etc., mas também uma visão desse tipo na esfera social, como o aumento do índice de prostituição (tanto feminina como masculina); o acirramento de disputas territoriais, expulsando a população autóctone para a periferia dos centros urbanos e das proximidades dos atrativos (praias etc.), que passam a abrigar os chamados “guetos” turísticos¹⁰; além de modificar papéis sociais tradicionais, com a oferta de emprego a mulheres e jovens (consultar Acerenza, 1987). Mas o mais importante é a noção de que se perde a identidade particular dos povos, diante de uma uniformização de ações, uma globalização de ações que avança sobre a diversidade.

Temos as análises de Krippendorf (1989) que, mais do que observar que as “manifestações culturais” são comercializadas e transformadas em espetáculo, demonstra como o imaginário do nativo, do residente, se transforma no sentido em que a mercantilização praticamente passa a ser a mola mestra de qualquer comportamento social do grupo, onde até mesmo a hospitalidade passa a ser um produto a ser vendido e comercializado. Além disso, o autor explana as condições encontradas nas regiões pesquisadas no sentido de caracterizar o recebimento do turista que, para ele, passa sempre por questões de demonstração de superioridade entre sociedades (culturas) diferentes, em que a do turista demonstra sua hegemonia e afirmação etnocêntrica a todo momento e em que a do nativo tenta sobreviver ante essa afirmação de que a sua cultura, seu *ethos*, é ultrapassado, representa o atra-

so, e serve apenas para a apreciação dos turistas enquanto peça de um museu vivo, exótica e engraçada.

Nesse sentido, encontramos semelhanças com as conclusões às quais Canclini chegou, quando expôs a sua dificuldade em entrevistar os produtores e vendedores de artesanato: "a tensão do rosto ou o olhar evasivo de quem quer compreender a lógica 'desconcertante' de perguntas a respeito do modo como trabalham e vivem para convertê-las em respostas a respeito das vantagens de suas mercadorias" (Canclini, 1983:85-6). Parece que para esses autores o turismo, como elemento importante na estruturação das relações sociais, transforma uma lógica não-mercantil em mercantil. As mercadorias passam a, agora sem sombra de dúvida, intermediar as relações sociais.

Existe ainda as considerações expostas por Boullon (s.d.), mostrando que a atividade turística, pelo fato do avanço da "cultura dominante" sobre a diversidade (a partir dos meios de comunicação de massa por exemplo), pode servir para resgatar os valores tradicionais, como o folclore, e prédios históricos. Assim o turismo, além de gerar renda e empregos, serviria como "desculpa econômica" para se preservar as tradições ameaçadas pela modernização, incentivando a própria população para preservar sua cultura.

Soure, e Marajó como um todo, dentro da Região Amazônica, aparece como um belo atrativo aos olhos dos turistas internacionais e ganham fama na mídia como "lugar exótico". Essa expressão encerra uma série de representações sobre a ilha que ultrapassam o próprio mercado turístico e é assim que teremos condições de analisar o problema exposto, com essa perspectiva de atratividade da Região Amazônica e em particular a ilha de Marajó, trazendo turistas das várias partes do mundo para conhecer a região e sua cultura.

Carimbó, festas e artesanato

Apesar das considerações apresentadas serem de forma preliminar, haja vista que a pesquisa ainda se encontra em andamento, pretendemos aqui fazer um panorama geral sobre a situação particular de Soure, em relação à problemática apresentada neste estudo.

Uma das formas mais características de expressão cultural em Soure ou mesmo Marajó é o carimbó. O carimbó é descrito por Salles & Isbebski (1969:278) como "dança de roda reunindo homens e mulheres, na qual os pares se destacam, um a um, e dançam soltos, aparecendo então configurações coreográficas solistas"; os autores ainda observam uma especificidade da dança em Soure onde é apresentada nos meses de junho, novembro e

dezembro, com um caráter solista, acompanhada de músicos que não dançam, sendo chamada de *carimbó pastoril*¹¹. Porém o mais importante dessa análise é caracterizar o carimbó como parte da lúdica do "caboclo", uma verdadeira conjugação entre o lazer de um povo e sua expressão de cultura popular, no nosso caso, da comunidade de Soure.

O carimbó então é compreendido como uma das formas de lazer do povo da região, que traz suas vivências cotidianas de trabalho para o âmbito desse tipo de dança: "o divertimento que mais anima as populações dessa região" (Idem:259). A maioria dos estudos interpretam assim o carimbó, e assim ele foi dançado nas muitas festas realizadas pelas populações da Amazônia paraense; no entanto, através da atividade turística, podemos perceber algumas modificações com o carimbó em Soure: ele agora já não é dançado nas festas da comunidade, e sim realizado nos salões dos hotéis ou em festivais programados; o lazer do "caboclo" já é agora trabalho, pois dança para ganhar dinheiro (cada apresentação é paga)¹²; o ritmo torna-se rápido; os turistas são chamados a participar; enfim, o que antes era lazer, dançado em todas as festas, transforma-se em espetáculo, em que cada apresentação precisa de uma "produção" ainda que pequena. O turismo com certeza transforma o brincante em componente de grupo parafolclórico.

Uma outra observação importante é a modificação das festas tradicionais ou o surgimento de novas festas ou outros eventos, com o objetivo explícito de atrair visitantes. Neste caso, temos em Soure a reorganização de festas populares como o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre no segundo domingo de novembro de cada ano; a Festa de Nossa Senhora da Conceição (Festa do Puá), entre outros que já começam a se preocupar com um público participante externo. Devemos lembrar que uma das características dessas festividades é servir como fator de interação social, o que atualmente pode ser questionado.

A criação de eventos esportivos, como o Enduro do Marajó, em que motocicletas cruzam o espaço entre Soure e Salvaterra, são exemplos típicos de eventos preocupados bastante com o número de participantes e espectadores.

O artesanato, inspirado nos utensílios das tribos marajoaras que habitavam a região antes de os europeus chegarem, já não é tão difundido na própria região; sua produção é na maior parte realizada em Belém (vila de Icoaraci) e vendida diretamente nas lojas de *souvenirs*.

São criados então novos espaços para a cultura popular, não mais o terreiro das festas, o armário da cozinha para os objetos, não mais a mesa para as comidas, mas o hotel, a loja de *souvenir* e a barraca do festival. Temos também a relação entre o gueto turístico para onde a cultura de Soure se

dirige cada vez que ocorre e os nichos de cultura ainda preservados, para onde os turistas se dirigem quando pretendem observar o diferente, o "exótico". Essa relação demonstra, no caso de Soure, uma diminuição dos nichos, em contrapartida com um aumento do número de guetos (ou ampliação de seus raios de alcance).

As transformações ocorridas em Soure são representativas dessa "captura" da cultura popular pela atividade turística. Entendemos aqui que, como já falamos anteriormente, a cultura de um grupo não pode ser vista como estanque e imutável. Nossa preocupação se dá quanto à consideração das opiniões dos moradores de Soure, por exemplo, sobre o que mostrar ao turista, o que transformar em espetáculo, o que pode ser modificado etc. Em nosso caso particular as decisões ficam a cargo ora do Estado enquanto articulador da cultura, ora dos operadores turísticos e empresários de hotéis que decidem, sem nenhuma participação do nativo do Marajó, o que deve ser mostrado¹³. A participação popular na hora do planejamento turístico deve também atentar para o aspecto da cultura, que corresponde a um dos principais apelos, ao lado da natureza, para o Turismo Ecológico.

Bibliografia

- Acerenza, M. *Administración del turismo*. Mexico: Trillas, 1989. Vol. I.
- Acevedo, R. & Castro, E. *Negros do Trombetas: guardiões de matas e rios*. Belém: UFPA/NAEA, 1993.
- Araújo, M. S. *Tu contas! Eu conto! Caracterização do significado do bumba-meu-boi para a população do bairro de Madre de Deus, como expressão da cultura popular e ao mesmo tempo como lazer em São Luís do Maranhão*. São Luís: Sioje, 1986.
- Boo, Elizabeth. *The Ecotourism Boom. Technical Paper Series*. Washington D.C., n.º 2, 1992.
- . *Ecoturismo: potenciales y escollos*. Lancaster: Word Wildlife Fund and the Conservation Foundation, Washington D. C., 1990.
- Boullon, R. *Comportamento del turismo frente al patrimonio cultural*. s.d., mimeo.
- Bourdieu, P. *Esboço de uma teoria da prática*. In: Ortiz, R. (org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- . *Espaço social e poder simbólico*. In: Bourdieu, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- Canclini, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- Cardoso, C. F. *Economia e sociedade em áreas coloniais periféricas: Guiana Francesa e Pará (1750-1817)*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- Costa, F. A. *Ecologismo e questão agrária na Amazônia*. Belém: UFPA/NAEA, 1992.
- Embratur. *Programa Ecoturismo: versão preliminar*. Rio de Janeiro, 1991.
- Figueroa, M. *Teoría económica del turismo*. Madrid: Alianza Universidad Textos, 1990.
- Fuster, L. F. *Teoría y técnica del turismo*. Madrid: Nacional, 1978. Vol. I.
- Geertz, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- . *Ritual and Social Change: a Javanese Example*. *American Anthropologist*, 59(1), 1957.

- Ianni, O. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- IdeSP. *Zonamento ecológico-econômico do Estado do Pará*. Belém, 1991. Vol. I.
- Krippendorf, J. *A sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- Loureiro, V. *Miséria da ascensão social: capitalismo e pequena produção na Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1987.
- Maneschy, M. C. *Ajuruteua: uma comunidade pesqueira ameaçada*. Belém: UFPA/CFCH, 1995.
- Oliveira, C. C. R. *Urbanização e retenção populacional numa área decadente da Amazônia: o caso de Soure, Pará*. Belém: NAEA/UFPA, 1983 (dissertação de mestrado).
- Ortiz, R. *A consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- . *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994, 4.ª ed.
- . *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991, 2.ª ed.
- . A procura de uma sociologia da prática. In: Ortiz, R. (org). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- Patterson, W. D. *Es mortal el turismo para la cultura?* XVII Conferencia Anual de la Asociación Turística del Pacífico. Honolulu, 1977.
- Ribeiro, B. *O índio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Revan, 1991, 2.ª ed.
- Salles, V. & Isbebski, M. Carimbó: trabalho e lazer do caboclo. *Revista Brasileira de Folclore*, 9(25). Rio de Janeiro, set.-dez., 1969.
- Sebrae. *Plano setorial de turismo (regional)*. Manaus, 1994.
- Sudam/OEA. *Demanda turística da Região Amazônica brasileira*. Belém: Sudam, 1994a.
- . *Oferta turística da Região Amazônica brasileira*. Belém: Sudam, 1994b.
- Sudam/Pnud. *Plano de turismo da Amazônia — 1992-1995*. Belém: Sudam, 1992.
- Sudam. *Desenvolvimento sustentável da Amazônia: estratégia de desenvolvimento e alternativas de investimento*. Belém, 1992a.
- . *Projeto de Investimento e Desenvolvimento do Setor Turismo na Amazônia — versão preliminar*. Belém, 1992b.
- Trigo, L. G. G. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. Campinas: Papirus, 1993.
- Weinstein, B. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1993.

Notas

¹ Segundo Trigo (1993:62-5), o século XX foi o período em que o turismo mais se desenvolveu, considerando os hiatos provocados pelas grandes guerras e complementa, citando dados provenientes da Empresa Brasileira de Turismo — Embratur: “a receita do turismo internacional representa mais de 7% do comércio mundial de bens e serviços, o que faz com que o turismo ocupe lugar entre os três segmentos mais importantes do comércio mundial, juntamente com petróleo e a indústria automobilística. Entre 1980 e 1989, o turismo internacional cresceu 42,3%, ou seja, a uma taxa de 4% ao ano. Segundo estimativas, em 1995 haverá cerca de 515 milhões de turistas internacionais e no ano 2000 cerca de 637 milhões”. Sobre o fluxo de capitais: “Em 1989 o turismo movimentou no mundo US\$ 209,2 bilhões” (Idem:19).

² Dentre os autores a que nos referimos aqui encontram-se Roberto Santos, Barbara Weinstein, Francisco de Assis Costa entre outros.

- ³ Vários autores, principalmente com uma perspectiva de história do Brasil dividida em ciclos, caracterizam essa fase como uma das mais prósperas, que compreende o século XVII (Oliveira, 1983 e Loureiro, 1987).
- ⁴ O que Cardoso (1987:114) vai chamar de desamortização dos bens dos jesuítas (principalmente as fazendas), que são repartidos por entre os chamados "contemplados". Segundo ainda Cardoso (Idem:115) "podemos supor que a medida tenha surtido algum efeito econômico, mas nada indica que este tenha sido espetacular. Veremos que, pelo contrário, as fazendas de Marajó, mal administradas pelos donos, declinaram".
- ⁵ Algumas fazendas, como a Fazenda Providência, já são estruturadas para receber os turistas, com locais para hospedagem, passeios, alimentação e atividades como jogos e apresentação de manifestações folclóricas.
- ⁶ Nome usado para designar os locais que recebem fluxos turísticos, onde o conjunto das atividades referentes a esse recebimento é denominado *turismo receptivo*.
- ⁷ Geralmente existem trabalhos que, preocupados com o processo de diferenciação interna, costumam caracterizar os grupos humanos habitantes da Região Amazônica como *caboclos* e, a partir daí, observar a existência de uma *cultura cabocla* (veja Salles & Isbebski, 1969; Ribeiro, 1991, entre outros). Achamos complicado buscar uma identidade regional no trabalho ora exposto, isso não quer dizer que não atentemos para o assunto, mesmo que trabalhemos em nível de diferenciação interna dos "marajoaras" ou ainda dos soursenses.
- ⁸ Existem muitos elementos dentro do que poderíamos trabalhar segundo esse esquema de categorias sistematizadas por Pierre Bourdieu, ou seja, a configuração do *habitus* leva em consideração não só a posição do agente no campo social, mas seu acúmulo de capital social e cultural, bem como as relações de poder dentro de um mesmo campo e dentro de campos diferentes, nas análises das questões sobre as contradições internas dos campos, a formação de dominantes e dominados nele.
- ⁹ Sobre essa questão Bourdieu (1990:168) comenta: "A classe (ou o povo, ou a nação, ou qualquer outra realidade social de outro modo inapreensível) existe se existirem pessoas que possam dizer que elas são a classe, pelo simples fato de falarem publicamente, oficialmente, no lugar dela". Assim a identidade do nativo se estabelece também em função da diferenciação existente entre os formadores da comunidade soursense, que assim se consideram, e os visitantes.
- ¹⁰ Segundo Krippendorf (1989:73), os guetos turísticos são as "reservas artificiais criadas especialmente para os turistas e construídas sob medida. Esta categoria compreende todos estes novos complexos hoteleiros, estas cidades, parques, loteamentos de férias que não nasceram do desenvolvimento de um vilarejo, mas foram plantadas bem no meio de um prado nos Alpes ou à beira sabe-se lá de que bela praia".
- ¹¹ A denominação *carimbó* é usada também para designar o instrumento tocado (espécie de tambor) e o próprio ritmo.
- ¹² Maneschy (1995) observa, em relação à vila de Ajurutéua, nordeste do Estado do Pará, duas questões preponderantes, primeiramente a crescente importância do dinheiro como mediador das relações sociais e, em segundo lugar, a corrosão de algumas práticas, como a reciprocidade e a solidariedade que antes tinham o *status* que hoje tem o dinheiro, como mediador dessas relações.
- ¹³ Temos então, por trás da discussão sobre mudança cultural nessas comunidades, a discussão sobre as articulações de poder dentro desses campos sociais, onde geralmente o nativo se encontra em um pólo dominado, com dificuldades de demonstrar suas opiniões.